

A LUZ VERMELHA

Por BERILO NEVES

Foi na Sorbonne, em Paris, que ouvi falar, pela primeira vez na minha vida da *luz vermelha*. Fazia, nessa longinqua tarde de junho (há, agora, exactamente, vinte annos) um frio tão intenso que até o filamento das lampadas electricas parecia gelar-se no ambiente polar do salão. O professor Montgometry, de Bordeos, dizia umas phrases suggestivas, que para sempre haviam de ficar na minha memoria e no meu coração: «O mundo esteve até agora, inteiramente ás escucuras—affirmava o grande physico francez. A luz do sol aclara, apenaç, os aspectos exteriores das casas — a copa das arvoris, o telhado das casas, a configuração anatomica do corpo humano — mas não serve para ver os nossos pulmões nem para divisar o liquido sanguineo correndo atravez dos tubos contracteis das veios e das arterias. A luz vermelha, obtida com uma lampada especial de quartzo, deixará o fio incandescente de Edison tão obsoleto como a tocha fumarenta da Idade Media, ou o bico de gaz de Paris do seculo passado. Devemos convencer-nos de que os mithões de homens que viveram até os nossos dias passaram pelo mundo como outros tantos mithões de cegos de nascença porque apenas viram montanhas, arvores, fardas de soldados, vestidos de mulheres, poeiras das ruas e marmores frios do tumulos. Com a luz vermelha podemos, para o futuro, ver-nos a nós mesmos, isto é, os nossos orgãos internos, tão perfeitamente como vemos os olhos, a boca, todos os lineamentos da face externa dos seres e das cousas.

Sai da Sorbone convencido de que a sciencia tinha um servidor de menos, e o hospicio, um doudo a mais. Dos 300 ou 400 estudantes que ouviram a conferencia de Montgomery apenas douz ou tres levaram a serio a pilheria da luz vermelha. Entre elles achava-se um rapazola ruivaço, de grandes olhos verdes, que me chamou a attenção pelo seu modo attento de acompanhar a dissertação do professor de Bordeos. Falei-lhe á sauida, e tomamos, juntos, um electrico que passava. Disse-me chamar-se Moret e ter vindo da Normandia estudar medicina em Paris. Era de uma familia abastada e antiquissima, com sangue velho que já correra em veias de principes e de nobres. Jean Moret fez-se, nessa epoca, meu companheiro predilecto de conferencias e aulas de medicina,

philosophia, psychologia experimental e quanta mais sciencia se celebrava na capital da França. Depois que deixei Paris e vim morar para São José dos Patos, em Minas (onde tenho comido vagarosamente as rendas de um pequeno patrimonio de bois e terras de lavrar) nunca deixei de corresponder-me com o rapaz normando que se fez medico e tirou não sei quantas laureas academicas nos seis annos do curso. Foi elle quem me mandou dizer os progressos da clinica de Montgomery, mediante os milagres da *luz vermelha*. E' um assombro-escrevia-me certa vez, com o entusiasmo de um verdadeiro discípulo de Hypocrates-essa tal cousa da *luz vermelha*! Imagina que o Montgmorency fabricou uma lampada especial, de quartzo, que torna banais todos os milagres do raio X e de suas applicações nos ultimos annos. Com aquella lampada presa á fronte (como um mineiro que desce a um subterraneo á cata de pepitas de ouro) o homem vê todo o mecanismo interno da vida humana, desde a formação do bolo alimentar, no estomago e visceras adjacentes, até o abrir e fechar das valvulas do coração, na eurythmia vital das systoles e das diatoles? Aneurismas, dilatações da aorta, tumores malignos, tudo o que outrora mal se apalpava com o raio X, hoje pode ser visto a olho nu, sem esforço e com aceio. Imagina o que esse homem não pode fazer, com a tal lampada, no embrenhado capitulo das diatheses e perturbações funcionais dos orgãos de secreção interna. E' o diabo em figura de gente, o tal Montgomery!...

Ao ler essa carta entrei a escogitar em como seria util a *luz vermelha* para conhecer, por dentro e por fóra, as criaturas humanas. Sim! Por exemplo, a mulher com quem poderíamos casar... Já não falo da sanidade dos pulmões, do estomago, das capsulas supra-renais: refiro-me ao coração... Ver a olho nu, o coração da nossa noiva ou da nossa esposa, perceber-lhe a agitação deliciosa numa hora de extase amoroso, sentir o palpitar das suas auriculas e dos seus ventriculos na hora solenissima de um primeiro beijo de noivado! E não era só isso: com os recursos da synchronization moderna, não viria longe o dia em que, ao lado da *luz vermelha*, ouviríamos, tambem, o surdo bater do musculo cardiaco, e

o rumor dos pulmões enchendo-se e esvaziando-se de ar, e até—quem sabe?—os vagos estalidos electricos das celulas cerebrais, fabricando e compondo o pensamento!

Essa perspectiva deixou-me, em-fim, assombrado e em tremuras. Ouvir a *elaboração da idea*! Ver a origem bio-chimica do pensamento. Era a omnipotencia divina transmittida, numa hora magnifica de generosidade, aos miserios netos de Adão. Immediatamente — como quem cumpre uma determinação do Alto — vendi 50 cabeças de gado, do melhor que pastava nas tranquillas varzeas de São José dos Patos. Tomei o trem para o Rio onde mandei fazer, com urgencia, uma roupa escura (jaquetão e calças de listas) digna de apresentar-se diante de um homem de sciencia como Montgmorency, e, na semana seguinte, embarquei em um paquete francez, com destino a Bordeos. Foi nessa velha cidade francesa que entrei em entendimento com o sabio Dei-lhe um cheque de 10.000 francos sobre o Banque Française e Italiane, e disse-lhe:

— Não sou rico, meu caro doutor, mas interesso-me extraordinariamente pela *luz vermelha*. Tenciono casar-me e não tenho coragem de o fazer sem conhecer, antes, seguramente, a minha mulher, por dentro e por fóra. Não me bastará, ainda, isso: alem de ver, quero ouvir o que se passa dentro da criatura que tem de ser a minha esposa para o resto da vida. Por que o sr., que descobriu a *luz vermelha*, não procura, tambem, synchronize os ruidos intimos da vida organica? Estão ali esses dez mil francos. Se lhe for possivel, complete as suas experiencias e arranje-me um apparelho em que a *luz vermelha* se associe à synchronization dos ruidos interiores da humanidade.

Passei, então, dois meses em Paris. Divertia-me passeando nos maravilhosos parques da Cidade Luz e vendo passarem as midinettes nas grandes ruas commerciaes. Um dia recebi uma communication telephonica de Montgmorency. Recebeu-me com exquisita alegria. *Ahi! I'm o seu appareho*—disse entregando-me um monoculo elegantissimo, com uma tonalidade avermelhada. *Pouha-o no olho e nreste atenção*.

Obedeci. E logo recuei assombrado. Eu estava vendo o corpo do meu amigo como se o *autopsiassem em vida*! Os seus pulmões dilatavam-se docemente e, quando

se riu, vi-lhe o diafragma altear-se e baixar, em movimentos espasmódicos. Embarquei no primeiro navio de partida para o Brasil. E, de monoculo no bolso do colete, puz-me a *flirtar* as minhas companheiras do hotel até fazer um namoro mais forte com a mais bonita de todas—uma loira do Paraná, que parecia uma espiga de milho ao amadurecer. Fizemos excelente camaradagem e, uma tarde, dispus-me a por-lhe o monoculo em cima. Estavamos sosinhos na sala de espera do hotel. Eram seis horas, e o crepúsculo vespertino descia suavemente sobre a cidade, enchendo de doce melancolia todas as almas sensíveis e capazes dos divinos arrebatamentos da poesia. As pequeninas lampadas que brotavam da parede, como outras tantas flores de luz, mal venciam as trevas exteriores que iam entrando, cada vez mais densas, no hall do edifício. Sem suber porque, fomos tomados de um subto acesso de cairinho. Nossas mãos uniram-se e o meu braço direito envolveu-lhe a cinta, num forte amplexo dominador e galhardo. Provavelmente, tel-

a ia beijado se me não lembrasse do monoculo de *luz vermelha*—Tirei-o com a mão esquerda e sem me afastar, muito, do gentil corpo da minha namorada, assestei-lh'o em cheio, á altura do colo. Vi, com deslumbramento, um arcaboiço osseu de primeira ordem. Costelas solidas, de uma rigeza de trilho de aço. O coração, perfeitamente normal, batia apressado. Vi uma onda de sangue enchel-o de subito, e logo, escoar-se pelas artérias, num escachão vermelho. Que admirável coração tinha a minha noiva! Era perfeito. Por muito tempo fiquei a ver-lhe os robustos pulmões cujo rumor me chegava aos ouvidos como o de dois grandes foles em pleno trabalho.

— Porque me olhas tanto? — perguntou-me num sorriso brejeiro, que lhe fez umas deliciosas covinhas na face.

— Porque és linda...

Contentou-se com a razão e deixou-me admirado. Passei, pelo estomago, com natural repugnância. Uma viscera tão prosaica! Mas, não pude deixar de deter-me alli: a minha deliciosa loira já tinha co-

mido, áquellas horas! Estava em plena função digestiva. Que aborrecimento... Uma mulher pantagruélica!

Era só o que faltava...:

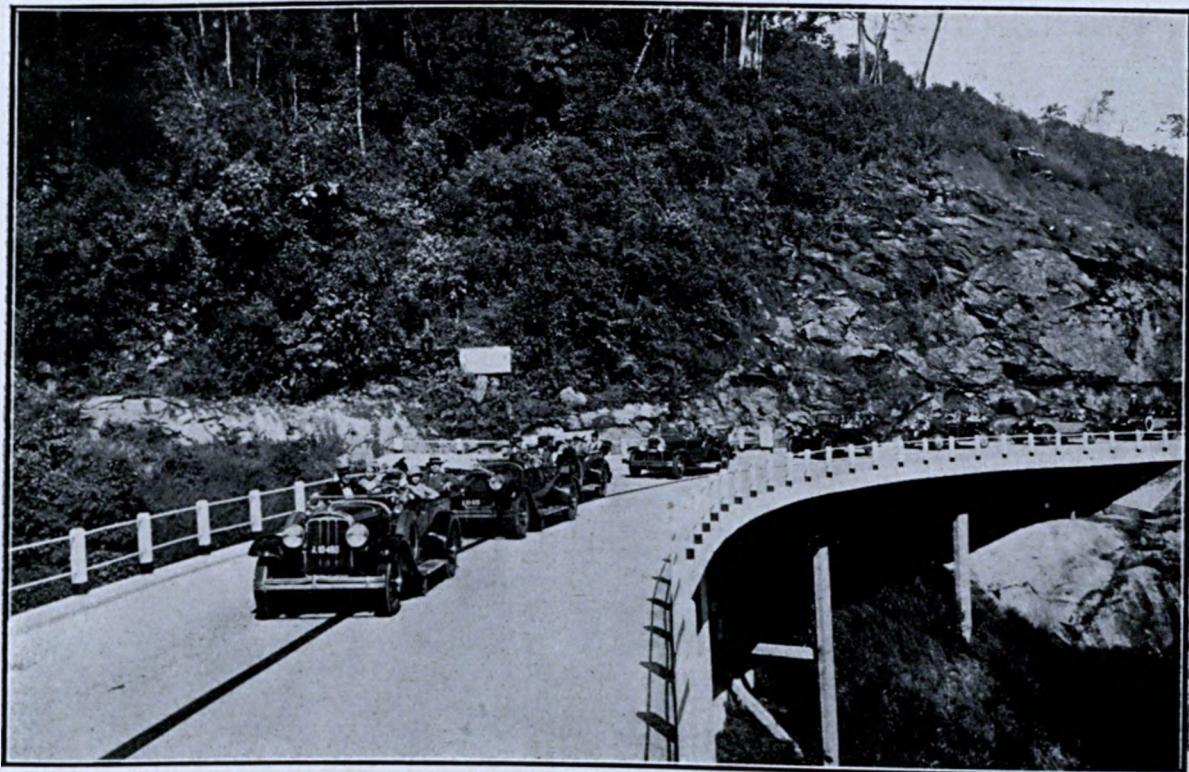
— Estás com fome, querida? Tão palida...

— E', sim: hoje ainda não comi nada... Uma chicara de café pela manhã. Detesto isto de ter que comer!

Sorri, enfiado. Fechei o olho em que tinha o monoculo e só vi o seu lindo vestido verde e a sua admirável pele, de uma branura lactea. Ia-me inclinar, atraído pelo cheiro delicioso de carne moça e sadia que se evolava de todo o seu ser, quando ouvi um ruido imenso de trovão longíquo. Voltei-me, para ver o que era. A mãe de minha namorada chegara-se, de mansinho, sem que a sentissimo e sentar-se perto do sofá em que estávamos. E os seus imensos pulmões de dama obesa resfolegavam como uma locomotiva... Tirei o monoculo, discretamente, prudentemente, e sorri com um ar imbecil...

BERILO NEVES

TOURISTES ARGENTINOS DE CORDOBA



Em excursão a Petropolis.